

Orlando Villas Boas em três momentos, fotografado em sua casa, no bairro paulistano do Alto da Lapa: uma vida dedicada à missão de ensinar aos homens brancos como é bom conviver com os índios

# Morre o maior xavante branco do Xingu

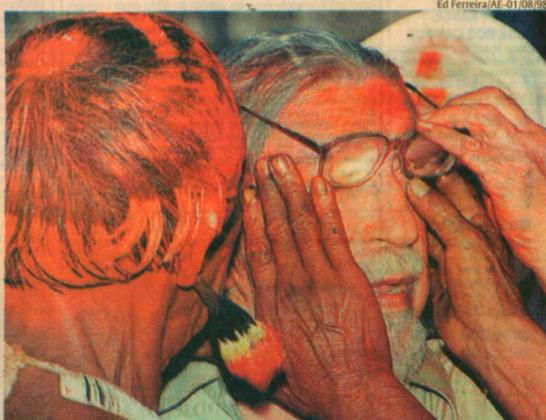
Orlando Villas Boas, cuja obra máxima, o Parque Nacional Indígena do Xingu, é experiência admirada e elogiada em todo o mundo, chegou a ser indicado em mais de uma ocasião para o Nobel da Paz

Morreu às 14h27 de ontem, de falência múltipla dos órgãos, desencadeada por um processo agudo de infecção intestinal, o sertanista Orlando Villas Boas, de 88 anos. Ele estava internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital Albert Einstein, em São Paulo, desde 14 de novembro. Último grande seguidor do marechal Cândido Rondon, seu maior legado à sociedade foi o ensinamento de que era bom conviver com os índios.

O corpo de Orlando Villas Boas seria velado na Assembléia Legislativa de São Paulo, no Ibirapuera, desde as 19h30 de ontem. O enterro está previsto para as 14h de hoje, no cemitério do Morumbi, na zona sul de São Paulo.

O Parque Nacional Indígena do Xingu, sua obra máxima, é experiência admirada e elogiada em todo o mundo. Em mais de uma ocasião, na década de 1970, seu nome foi indicado por personalidades e entidades internacionais para o Nobel da Paz.

Nascido em Botucatu, interior de São Paulo, a 12 de janeiro de 1914, Orlando passou parte da infância e da adolescência em fazendas localizadas na fronteira com o Mato Grosso, onde teve os primeiros contatos com índios. Sua família se mudou para a capital em 1929, mas ele não se acostumou completamente à cidade. Quando os pais morreram, em um intervalo de seis meses, em 1941, voltou para o interior.



Ritual no Xingu: 'Precisamos salvar esta outra humanidade'

Por essa época, fascinado pelo que lera sobre o marechal Cândido Rondon, procurava aventuras que pudessem levá-lo ainda mais para o interior. Foi quando soube que estavam arregimentando gente em São Paulo para a Expedição Roncador-Xingu.

Incorporado ao projeto, com os irmãos Cláudio e Leonardo – que morreram em 1998 e 1961 –, atravessou a selva nos anos 40 e 50, deixando no seu rastro uma trilha até Manaus, mais de três dezenas de cidades, aeroportos, pequenas vilas. Houve contatos com pelo me-

nos 20 tribos e em 19 ocasiões os expedicionários foram atacados. Por orientação de Orlando e dos irmãos, tais ataques eram repelidos com tiros para o alto.

Orlando também passou na vida por nada menos que 253 casos de malária.

Em 1973, ele decidiu voltar a São Paulo, onde viveu até a morte com a mulher e os dois filhos. Mas continuou a trabalhar pela causa indígena. Em 1979, Orlando sintetizou sua obsessão ao **Jornal da Tarde** com uma frase: "Precisamos salvar esta outra humanidade."

eram analfabetos e possuíam uma boa formação cultural, ganharam posições mais destacadas. Havia um quarto irmão, Álvaro, que sempre se manteve na retaguarda.

Na viagem, o sertanista aprendeu línguas indígenas e teve consciência de que não estava entrando em contato com uma cultura primitiva, mas com gente que tinha outra mentalidade. Também descobriu que o contato dos índios com a civilização seria

**“Aprendi muito com ele sobre a importância de preservar os hábitos antigos.”**  
CACIQUE ARITANA, líder no Parque Nacional do Xingu

**“Ele dedicou a vida a defender o direito dos índios de ser o que são, sem serem molestados.”**  
SIDNEY POSSUELO, diretor da Funai

**“Recebemos a notícia da morte dele com muita dor no coração.”**  
SIMONE TOBIAS, vice-presidente da Mocidade Camisa Verde e Branco, que homenageou o sertanista

**“Era uma dessas pessoas raras que aparecem somente a cada milênio.”**  
PAULO DE TARSO RIBEIRO, ministro da Justiça



O sertanista passou 17 anos de sua vida (da expedição de 1943 até 1960) contactando índios

## Nunca tinha visto índio. Mas salvou os xavantes

VALDIR SANCHES  
Jornal da Tarde

Orlando Villas Boas começou a caminhar para o oeste do País como um desbravador. Ele e seus irmãos Cláudio e Leonardo eram três dos integrantes da Expedição Roncador-Xingu, organizada pelo governo brasileiro para abrir novas fronteiras e criar cidades. O ano era 1943 – plena 2ª Guerra Mundial. Os irmãos nunca tinham visto um índio de carne e osso, nem se metido em expedições. Mas gostavam de aventura e eram loucos por mato.

“Na outra margem do Rio das Mortes começavam os grandes brancos do Brasil Central, os das cartas geográficas (que não registravam a existência de cidades). E nós nos preparamos: vamos começar a atravessar esses brancos. Era lá que iríamos estabelecer os pontos ideais de colonização. Mas começamos a ver, ao longe, colunas de fumaça e nos surpreendemos: então isso não é área desabitada?”

“Aí começou-se a constatar, com vôos de exploração aérea, que eram aldeias indígenas. Eram os xavantes. Os afamados xavantes...”

Na entrevista que deu ao **JT** em 1993, quando a expedição completou 50 anos (trechos acima), Orlando relata a reação que a presença dos índios provocou. Os organizadores da expedição resolveram criar uma vanguarda militar, com doze soldados. “Iam limpar o caminho, afastar o índio de qualquer jeito.”

Os irmãos Villas Boas revoltaram-se. Em segredo, escreveram uma carta ao Marechal Cândido Rondon, então presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios. O marechal não gostou nada da idéia da vanguarda armada, mas não tinha poderes para impedir. Sugeriu aos chefes da expedição que fosse dissolvida. Uma sugestão de Cândido Rondon tinha peso.

O major que comandaria os soldados reuniu os expedicionários. “Ele disse: ‘Não vai haver mais a frente militar. Aconselho que a frente da expedição seja entregue aos irmãos Villas Boas.’ Aí nós assumimos.”

Vida dura, riscos, acidente em avião teco-teco, malárias, Orlando e seus irmãos, no comando da expedição, fizeram o primeiro contato com índios de 18 aldeias. Abriam 1.500 quilômetros de picadas, navegaram 1.000 quilômetros de rios (descobriram seis novos), abriram 19 campos de aviação.

Ao longo desses caminhos, surgiram 34 vilas e cidades. Em 1961, o governo criou o Parque Nacional do Xingu. Orlando foi nomeado administrador geral. O parque foi parte de sua existência.

Ele ajudou em sua fundação, assim como na criação da Fundação Nacional do Índio (Funai). Passou dezessete anos de sua vida (da expedição de 1943 até 1960) contactando índios. No início de 2000 acabou demitido da Funai, por telefone. Ganhava R\$ 1.300. No dia seguinte, o presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, telefonou-lhe pessoalmente, pedindo desculpas.

Orlando Villas Boas nasceu há 88 anos (1914), em Santa Cruz do Rio Pardo, no sudoeste paulista. Ao longo dos anos, recebeu nove comendas no País, destacando-se a do grau oficial da Ordem do Rio Branco. E três estrangeiras, entre elas a da Royal Geographical Society, da Inglaterra, aprovada pela rainha Elizabeth II. Leonardo Villas Boas morreu em 1961. Cláudio, em 1998.

## Uma vida que se confunde com a história do País

A vida de Orlando Villas Boas se confunde com a história recente do País. Aventureiro e sertanista, ele teve importância fundamental na Marcha para o Oeste, projeto que nas décadas de 40 e 50 deu início à ocupação das grandes áreas vazias do Brasil central.

Ao lado dos irmãos Cláudio e Leonardo, Orlando procurou o território da marcha em São Paulo. Os três foram recusados, porque o organizador da expedição só

contratava analfabetos. “Ele queria dizer sertanejo, mas falava em analfabeto, que dizia serem mais resistentes”, contaria Orlando mais tarde. Os irmãos não desistiram e viajaram para Minas, de onde a expedição deveria sair. Dessa vez apresentaram-se como analfabetos e foram contratados – Orlando como auxiliar de pedreiro e os irmãos para trabalhar na enxada. No decorrer da viagem, quando se descobriu que eles não

eram analfabetos e possuíam uma boa formação cultural, ganharam posições mais destacadas. Havia um quarto irmão, Álvaro, que sempre se manteve na retaguarda.

Na viagem, o sertanista aprendeu línguas indígenas e teve consciência de que não estava entrando em contato com uma cultura primitiva, mas com gente que tinha outra mentalidade. Também descobriu que o contato dos índios com a civilização seria

inevitável. O que se devia fazer, acreditava, era prolongar a integração. Foi assim que começou a imaginar a criação do Parque Nacional Indígena do Xingu – um local onde o contato com o branco se faria de forma controlada. Seu sonho tornou-se realidade em 1961. Hoje o Parque do Xingu estende-se por uma área de 26 mil km<sup>2</sup> e abriga cerca de 6 mil índios, divididos em 16 etnias e com meia dúzia de línguas.

O Brasil deve muito a Villas Boas, que defendeu a causa indígena com amor e como a causa dos direitos humanos.

“O Brasil perdeu um brasileiro ilustre, que dedicou toda a sua vida a um Brasil que existe até antes de todos nós, que é o Brasil dos índios”, disse o deputado Nelson Pelegrino (PT-BA), ex-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal. “Quando o colonizador português chegou aqui, os índios já habitavam no Brasil. A família Villas Boas e o Orlando dedicaram sua vida para conhecer esse Brasil, para que o resto do País pudesse entendê-lo.”

## ‘O último dos grandes sertanistas brasileiros’

“O Brasil ficou mais pobre”, lamentou ontem o sertanista Sidney Possuelo, ao comentar a morte de Orlando Villas Boas. Para Possuelo, que é considerado pupilo e continuador da obra de Villas Boas, o desaparecimento do mestre encerra o ciclo dos grandes sertanistas brasileiros.

“Ele era uma figura cuja estatura se assemelhava à de um Rondon”, afirmou Possuelo, referindo-se ao marechal Cândido Rondon, que na primeira metade do século passado notabilizou-se por explorar o interior do País e pacificar tribos indígenas. Atualmente dirigindo o Departamento de Índios Isolados da Fu-

nai, Possuelo lembra que, junto com seu irmão Cláudio, Orlando Villas-Boas foi um dos responsáveis pela criação do Parque Nacional do Xingu, em 1961.

### ‘O precursor da batalha dos direitos humanos’

“Nas rotas das expedições dele pelo Centro-Oeste nasceram dezenas de cidades”, afirmou. O sertanista destacou também o lado humanitário de Villas Boas. “Ele dedicou 55 anos de sua vida a defender o direito dos índios de ser o que são, sem serem molestados.” A morte de Villas Boas também provocou manifestações

de pesar de autoridades do governo. O secretário de Estado de Direitos Humanos, Paulo Sérgio Pinheiro, pediu um minuto de silêncio em homenagem ao sertanista, na cerimônia de entrega do 8º Prêmio de Direitos Humanos, no Palácio do Planalto. “Peço um minuto de silêncio para o precursor da batalha dos direitos humanos”, disse.

Para o ministro da Justiça, Paulo de Tarso Ribeiro, Villas Boas “era uma dessas pessoas raras que aparecem somente a cada milênio”. “Para o Ministério da Justiça foi uma honra a participação tão intensa que ele teve no País, principalmente na Funai.



Villas Boas, ao lado de sua cadela Tica